

ANÁLISE E CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

Otávio Segal de Araújo¹

Orientador: Keberson Bresolin²

¹Universidade Federal de Pelotas – otaviosegalla@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – keberon.bresolin@gmail.com

1. PORQUE FORMAR BEM O PROFESSOR É TÃO IMPORTANTE?

A conjuntura educacional do Brasil tem sido foco de debate nas grandes mídias, nas Universidades e, também, em nossas casas. Ultimamente, no país, têm se deflagrado um estado de greve, um montante de paralizações das classes trabalhadoras - uma luta dos professores e alunos na busca de uma possível melhoria do ensino público. A preocupação com o futuro de nossas escolas, universidades e, conseqüentemente, da educação das pessoas, de nossos cidadãos é o que faz tal debate ser de máxima urgência nos meios intelectuais e de informação.

Temos alguns documentos oficiais, muitos escritos teóricos e diversos textos para análise de filósofos, pedagogos, psicólogos e pensadores das mais variadas épocas, percorrendo distintos temas, desde a função do professor ao papel do aluno, focando em um processo de ensino-aprendizagem cada vez mais aperfeiçoado. Isso tudo descrito, esse momento histórico em que vivemos, só pôde ser proporcionado devido a grande luta pela redemocratização do país e por consequência, nos anos posteriores, uma redemocratização do ensino. Devido a diversos fatores é de fundamental importância trazer algumas teorizações, para mostrar a importância da formação desses professores que serão os profissionais da educação. Há a necessidade de um debate melhor estruturado para a movimentação do currículo e a reformulação dos métodos de ensino-aprendizagem.

O objetivo central desse trabalho é demonstrar através de análises textuais, na literatura pedagógica e nos documentos oficiais sobre educação, que há uma ligação fundamental entre ensino básico e ensino superior que se relaciona diretamente com a melhoria do ensino através da valorização e reformulação da formação do professor que é altamente prejudicado pela falta de diálogo ou estrutura no âmbito da formação.

Visto como um dos principais pontos a ser debatido, o Ministério da Educação (MEC) vem para nos auxiliar a avaliar a situação. Ou melhor, o *Plano de Desenvolvimento da Educação* visa uma total melhoria da formação do professor e visa, também, à centralidade de tal carreira, no panorama nacional. Com a reformulação da carreira docente em um novo plano político-pedagógico, muitas das responsabilidades da formação nas instituições de ensino superior passaram a ser da CAPES. Já podemos observar, em nossas universidades e na Universidade Federal de Pelotas, a satisfação que um de seus programas nos dá ao complementar muitos dos critérios que faltavam na formação dos professores. Temos como exemplo o Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), citado pelo próprio documento governamental.

Posto como um ponto central no desenvolvimento educacional do país fica claro entender que anterior a isso, o magistério não tinha uma visão satisfatória. Podemos perceber e elencar alguns problemas sendo o principal dele, o pouco

investimento público-financeiro demonstrado pela preferência dos administradores pelo âmbito da pesquisa. Essa denúncia é feita por Helena Costa Lopes Freitas em seu artigo '*A (nova) política de formação de professores: A prioridade postergada*': "O grande número de estudantes que escolhem ainda hoje a licenciatura, nas instituições de ensino superior, evidencia as potencialidades da juventude na direção da profissão. No entanto, as licenciaturas e a formação de professores não se constituem prioridade nos investimentos e recursos orçamentários. Há apenas um programa, além das bolsas estudantis, destinado às universidades públicas, o Pró-docência, no âmbito da Secretaria de Ensino Superior (SESU), programa específico e datado, que tem como objetivo "promover o desenvolvimento de novas metodologias de ensino, acompanhamento e avaliação dos diferentes cursos de licenciatura". No entanto, o montante de recursos a ele destinados, 3 milhões de reais, é insignificante, diante dos valores destinados a outros programas no âmbito da formação." (FREITAS, HELENA. 2007)

Desses milhões de reais destinados à pesquisa, assim que voltados para a educação superior na formação da docência poderia muito auxiliar na formação dos futuros licenciados, a partir do momento que ele traz para dentro da universidade programas como o PIBID que são inseridos diretamente na realidade da escola de ensino básico e transforma a formação dos futuros docentes em uma experiência rica. Podemos ter nas palavras da Helena Freitas um exemplo de fala: "Estas iniciativas ocultam a desigualdade entre instituições de ensino e instituições de pesquisa, estudantes que estudam e pesquisam e estudantes que trabalham, produzindo a desigualdade educacional." (FREITAS, HELENA. 2007).

Ao reformularmos a educação superior e a formação dos discentes, automaticamente haverá aí uma ligação com sua ida para o ensino público, tendo a oportunidade de aplicar tais instruções de sua formação poderá transformar o lugar onde ensina.

A formação do professor parece ter papel central na motivação do magistério, da escola e do aluno. Com professores desmotivados e sem investimento não haverá sequer um ambiente de trabalho satisfatório. Os alunos ao entrarem em contato com essa realidade fazem da escola um lugar banal ou apenas uma estrutura física onde passam o tempo. Daí surge outra perspectiva analisada muito bem pelo *Plano de Desenvolvimento da Educação*: "A formação inicial e continuada do professor exige que o parque de universidades públicas se volte (e não que dê as costas) para a educação básica. Assim, a melhoria da qualidade da educação básica depende da formação de seus professores, o que decorre diretamente das oportunidades oferecidas aos docentes. O aprimoramento do nível superior, por sua vez, está associado à capacidade de receber egressos do nível básico mais bem preparados, fechando um ciclo de dependência mútua, evidente e positiva entre níveis educacionais." (MEC, 2008)

Essas ações tomadas pelo estado regulador, diante dos diversos paradigmas – científicos, tecnológicos e sociais – evidencia a total falta de coalisão entre os pilares de nossa educação – a básica e a superior. As necessidades da escola estão distantes da atual formação. O ideal é transformar essa situação e adequar à formação dos professores as reais necessidades das escolas básicas e/ou instituições de ensino superior.

Tal situação nos coloca no conflito iminente do séc XX, muito bem exposto pela Marilda Aparecida Behrens: "Quem está no processo de aprendizagem? O aluno ou o professor?" (BEHRENS, 1996). Reformular os currículos dos professores não é só suficiente, é preciso colocar o todo em questão, indicar

caminhos a serem seguidos e experimentá-los antes de transformar a situação docente em uma situação cotidiana de “dar aulas”.

Da falta de coalisão até o momento de ensino-aprendizagem, podemos perceber através das falas de muitos teóricos, que, há uma diferença muito grande em oferecer oportunidades e oferecer condições, por exemplo, o ENEM: boa parte dos estudantes passa a ter um acesso mais democrático às universidades, mas vêm, devido à péssima estrutura básica, à universidade sem uma ‘base’ do conhecimento geral. Muitas atitudes poderiam ser tomadas quando as condições são favoráveis, bem dispostas ou determinantes para um bom trabalho, mas muito do que podemos ver é uma igualdade de oportunidades acima do ‘proporcionar novas condições de ensino’. Gerando desigualdades podemos concluir que há uma desigualdade nos discursos, que acaba proporcionando uma falta de diálogo geral.

A falta de diálogo entre os doutores, futuros professores e alunos, é o maior problema, ao entramos nas instituições. Não há preocupação alguma na tradução, ou transliteração dos currículos. Cada um fica responsável por sua parte, acumulando uma espécie de bola de neve: os doutores simplesmente passam os currículos sem os traduzir para os futuros licenciados, que, por consequência de seu ensino, também fará o mesmo com seus alunos; esse problema curricular do século XX parece ser um problema global, afetando as nações que entendem a educação como um caminho para o desenvolvimento. O norte-americano Matthew Lipman, muito bem nos fala sobre em seu livro *Filosofia vai à escola*. O eixo, a formação do professor, que faz todas essas ligações pode ser solucionada se houver seriedade dos representantes políticos e seriedade, também, dos doutores, professores e alunos.

2. METODOLOGIA

Foi feita uma busca de forma ampla nos referenciais já escritos com a intenção de pesquisar outros materiais ainda a serem buscados e depositados na biblioteca. Além de livros de caráter mais profundo problematizando o problema, também será usado os documentos oficiais que giram entorno do assunto e as políticas públicas assumidas pelo governo para manutenção da educação. Cabe ainda destacar que todos os texto e artigos serão sempre encarados de modo crítico, para assim poder oferecer a nossa leitura sobre o tema aqui proposto.

Com a coleta pronta, partiremos para a leitura e debate dos textos escritos e documentos coletados. Fichamento e debate em grupos poderá ser feito com os referenciais e um amplo debate que se sustenta nas políticas públicas. Devido à aproximação da bolsa de estudos PIBID com as escolas de ensino público estaduais, a observação da importância do professor pode ser considerada um fato, devido a grande melhoria do currículo dos alunos que participam e das escolas que recebem tal programa. .

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um tempo onde a educação ganha cada vez mais importância e a significação do mundo amplia fronteiras, é importante não perder de vista o debate já feito, os conceitos já estudados, a teorias já levantadas, a experiências já aplicadas e o erros já cometidos, tudo isso no percorrer da história ocidental.

Diversos textos estudados nas bolsas de ensino, dentro da universidade, as cadeiras de estágio e o desenvolvimento das diversas cadeiras de educação, já ampliam o conhecimento e ali guardam uma biblioteca diversa sobre o mesmo

tema. A proposta desta discussão e o resultado físico é trazer para perto dos futuros docentes a denúncia da precarização do ensino público brasileiro e a grande esfera de luta e debate que ainda precisa ser posto e estruturado para proporcionar um crescimento. Com a junção de tais textos, livros e pensamentos de diversos teóricos, um levantamento e explanação sobre diversas teorias e práticas pedagógicas em um lugar propício para o debate dos mesmos a proposta de um estudo e construção de um artigo envolvendo o assunto está em andamento.

4. CONCLUSÕES

Em um debate que estende por mais de 30 anos, desde a redemocratização do ensino, passando por diversas reformas - sendo a grande última o Plano de Desenvolvimento da Educação no governo Lula – é necessária a equalização dos paradigmas educacionais com a realidade do país. A tentativa de aliar ensino básico com ensino superior para o desenvolvimento é algo feito pelas nações mais desenvolvidas, desde a formulação de uma formação inicial, à formação do professor e as políticas públicas para valorização do ensino público e da carreira de um professor.

A atitude é um pontapé inicial, trazendo os futuros licenciados para perto do debate da estrutura educacional de seu país e das políticas que envolvem sua futura profissão. Ter a noção de que o ensino básico é seu trabalho para o desenvolvimento de futuros universitários que irão atuar na sociedade e, também, o debate para um futuro e sua profissão para que ela seja valorizada. Aliando as duas coisas (básico + superior), podemos ver a certeza de um desenvolvimento acadêmico e científico cada vez mais aprimorado nas universidades e escolas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

Ministério da Educação, *Plano de desenvolvimento da educação: razões, princípios e programa*. 2008.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *Formação continuada dos professores e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1996.

LIPMAN, M. *A Filosofia Vai à Escola*. São Paulo: Summus, 1990.

Documentos eletrônicos

FREITAS, Helena Costa Lopes. *A (nova) política de formação de professores: A prioridade postergada*, *Educ. Soc.*, Campinas, Vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1203 – 1230, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>